

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	2\$500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1\$300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I—3 DE JULHO DE 1881—N.º 20 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	7\$000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	4\$000 "
Trimestre ou 13 ".....	2\$000 "
Avulso.....	200 "

SUMARIO

Gravuras:—Museu Wiertz, em Bruxellas; Depois da tempestade; Uma mãe argelina; Ruínas do castello de Crévecœur, em Bouvignes.
Textos:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; A semana historica, por A. O.; Sciencia popularizada; Horas de ocio; Sobrezeza; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amoro; Correspondencia.

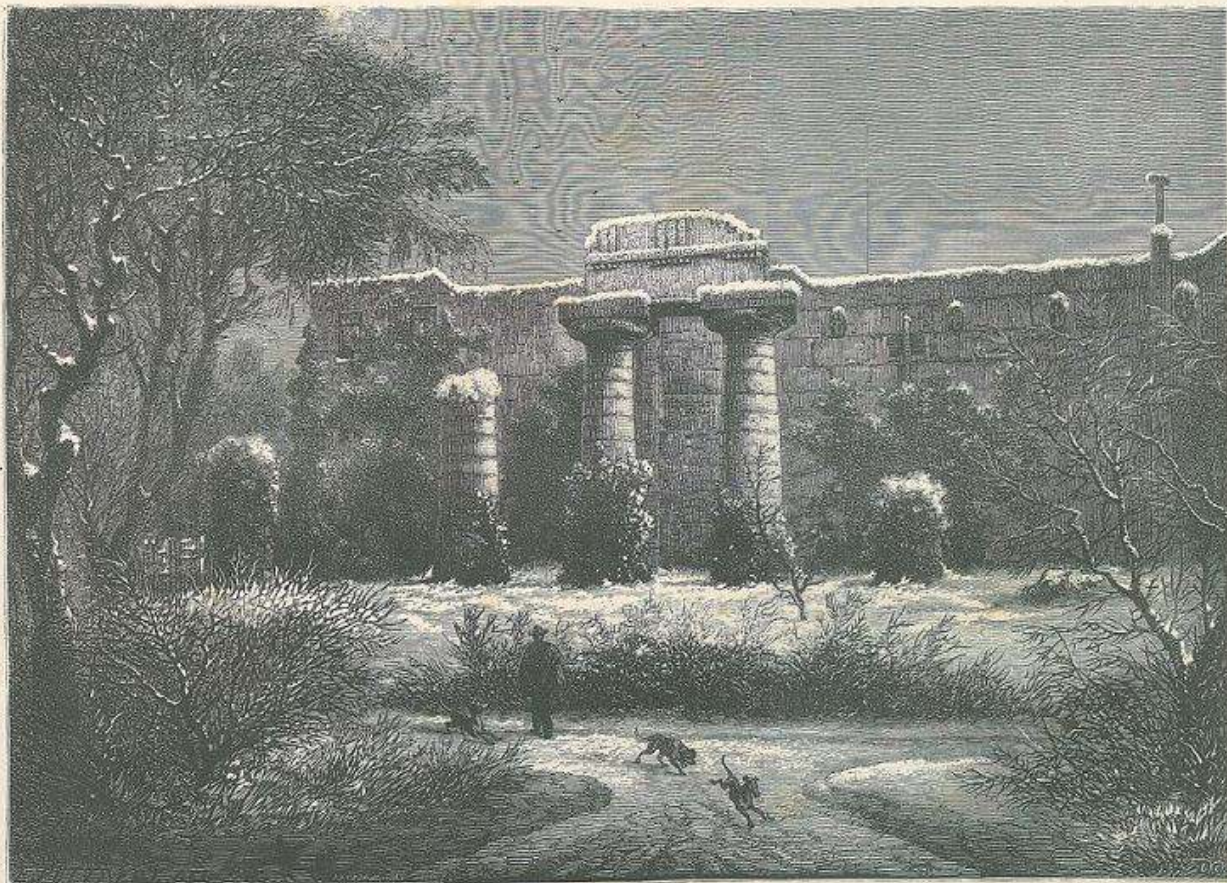
ACTUALIDADES

Teve esta semana tres acontecimentos capitaes: a appareição do cometa, a vinda da companhia da

Quando repararam que estava no cu, já era tarde para se ter medo.

A companhia do Principe Real do Porto, longe de fazer fiasco, teve um successo espantoso. Não

acontecimento. Carlos leva o anno todo a pensar na surpresa que tenciona preparar-nos. Uma vez desenterra o *Fausto Petiz*, outras vezes o *Barba-Azul*, n'outra occasião as *Pupillas do sr. rei-*



MUSEU WIERTZ, EM BRUXELLAS;

opera comica do Porto, e o beneficio de Carlos Cohen.

O cometa fez fiasco. Era elle o encarregado de dar cabo do nosso planeta; já em Torres-Vedras se tinham feito as malas para a eterna viagem, quando vieram outras preocupações e ninguem mais se lembrou do fim do mundo. Entretanto o cometa entrou em scena, e ninguem deu por elle.

a vi ainda. Tambem a maior parte das suas estrellas são estrellas de torna-viagem. Irène Manzoni foi da Trindade para o Porto, Thômasia Velloso foi do Principe Real de cá para o Principe Real de lá! Com estes e outros elementos se compoz no Porto uma companhia que deve ser excellente. Verei.

O beneficio de Carlos Cohen. É sempre um

tor; o seu beneficio é sempre uma evocação. D'esta vez não pôde resuscitar coisa alguma, e, não podendo dar aos seus convidados um prato de resistencia, apresentou-lhes uma *mayonnaise*.

É uma physionomia original a de Carlos Cohen, e muita gente, vendo o entusiasmo com que são acolhidos os seus beneficios, imagina que esse entusiasmo é absurdo, e que realmente o

papel de Carlos Cohen é um papel de tal forma secundario que não merece tantas ovações e tantas palmas.

Pois não é assim. Já pensaram alguma vez, dizia eu ha uns poucos de annos, não os espectadores da primeira noite, porque esses conhecem o theatro por dentro e por fora, mas os espectadores que constituem o publico avulso, no homem que mais concorreu n'essas peças magicas e espectaculosas para o deleite da vista?

Já se lembraram que, para que esse quadro os impressione agradavelmente, foi necessario que um homem, um artista, um poeta da *toilette* se immergisse em ondas de gaze, de seda, de veludo e de lentejoulas, e phantasiasse e compozesse esses poemas de luxo e esplendor que deslumbram os olhos dos espectadores? que foi necessario para isso que elle combinasse as côres, previesse os effeitos de luz, imaginasse prestigios, que transformassem o palco cingido de bastidores de lona n'um palacio encantado das *Mil e uma noites*, n'um templo de genios orientaes, n'um conto de Aladino?

Pois esse homem, obreiro modesto, imaginoso e incançavel, é em Lisboa Carlos Cohen. É elle que umas vezes, dando largas a uma poetica phantasia, faz surgir das chrysalidas das comparas as borboletas matizadas que volteiam nas magicas, é elle que, outras vezes, penetrando nos segredos da musa chocarreira de Offenbach, lhe completa pelo lado plastico as concepções burlescas, é elle que preside á feitura d'aquellas calças inverosímeis dos cavalleiros do *Fausto*, é elle emfim que, outras vezes, estudando conscienciosamente a historia dos *costumes*, faz reviver diante de nós, como na *Filha de madame Angot*, as contemporaneas de madame Tallien e de Josephina Bonaparte, as *maravilhosas* deslumbrantes, *hétaïres* no fato e nos costumes, é elle quem completa a caracterisação dos artistas e os habilita assim a reproduzirem em scena com perfeita exactidão as figuras historicas mais conhecidas, era elle quem contribuia poderosamente, para que Emilia Adelaide fosse, no ultimo acto de *Marie Antoinette*, a perfeita reprodução do quadro celebre de Paul Delaroche, é elle emfim o collaborador valioso e muitas vezes ignorado de todas as peças que exercem, pelo prestigio da *mise-en-scene*, uma verdadeira fascinação nos deslumbrados espectadores.

Para o conseguir tem de trabalhar, de estudar, de percorrer as bibliothecas, de se immergir no pó dos bazares onde se encontram velhas gravuras, de conhecer a historia da moda, desde o *palium* da antiguidade até á esguia casaca dos nossos paes, de ser tão familiar com as *vertugadins* das damas de Luiz XIV como com as tunicas abertas das amantes de Barras, de saber como se vestia D. João V o galanteador, e como travava D. Maria I a pudibunda, de estar ao facto dos *costumes* tradicionaes dos personagens celebres da scena, *Tartufo* e *D. Basilio*, *Alceste* e *Philaminta*, de estudar a historia da humanidade na sua parte pittoresca e plastica, de distinguir os seculos emfim, não pelas suas ideias, mas pelos seus collierinhos.

Por isso Carlos Cohen, quando cuida de uma peça, apresenta uma physionomia já hoje legendaria. Não pensa senão na peça nova, não cuida senão em fatos para os outros, e, passando das lojas da baixa para os recessos do guarda-roupa do theatro, lida, trabalha, dá ordens, põe em mo-

vimento um exercito de costureiras, satisfaz as exigencias d'este actor, escuta as reclamações d'aquella actriz, ouve o auctor, não ouve o empresario, não come, não vive, anda pelo ar como o Roswein de Octavio Feuillet durante os ensaios da *Conquista de Granada*, e só é perturbado na sua febre, no seu enthusiasmo, no seu delirio, pelo olhar do empresario, que vê passar diante de si, debaixo da direcção triumphante de Carlos Cohen, os setins macios, os veludos luminosos, as gazes transparentes, todos os talismans emfim que vão evocar do reino das sombras, ou dos mundos da phantasia, os vultos historicos dos dramas ou as sylphides das magicas.

Foram todos estes elementos da lenda de Carlos Cohen que dictaram os versos seguintes, feitos expressamente para serem illustrados por Bordalo Pinheiro, e a que effectivamente o magico lapis do nosso grande caricaturista deu um relevo que vão agora perder completamente:

Quando, selvagem e hirsuto,
meditas c'os teus botões
apanhar ao Chico Palha
as desandadas e os tostões,

quando penses nos milagres
que é necessario fazer
para transformar em anjos
bruxas que o diabo nem quer,

quando sorris, ao contrario,
so ver a graciosa imagem
de quem vae ser na «Lucrecia»
um gentil e airoso pagem,

e na da escultural Florinda,
que, se está «filha do inferno»,
ou foi engano do Palha,
ou asneira do Padre Eterno,

quando vés passar no espirito
a figura do Queiroz,
galan, pae-nobre, ou tyranno,
que elle p'ra tudo tem voz;

do Leoni a fina graça,
do Ribeiro a esperta veia,
do Augusto a cara de pascheas
que as mulheres incendeia;

quando misturas tudo isto,
e alcanças novo triumpho,
e, nos nupcias da Trindade,
continuas a ser trunfo;

saes á rua, barbeado,
esbelto, airoso, «gantê»,
caes nas unhas do Bordallo,
que tambem é «costumier»,

que veste c'os trajos proprios,
e outras vezes põe á fresca
os actores da politica,
outra opera burlesca.

Tu, o Bordallo da scena,
elle o Cohen do poder,
elle que veste o Braumcamp,
e tu que vestes a Esther,

Stão frente a frente. Eu entanto
vou-me safando d'aquí,
avem-te como poderes,
que elle vae vestir-te a ti.

E vestio-o admiravelmente em dois traços de lapis com a prodigiosa facilidade que o caracteriza. De todas as homenagens prestadas a Carlos Cohen, foi esta de Bordallo decerto a mais preciosa.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

MUSEU WIERTZ EM BRUXELLAS. — O que alli vceem é museu e foi *atelier*. Essas ruinas são fingidas; essas columnas não as derrocou o tempo, foi a mão do esculptor que as deixou assim incompletas. Copia este singular edificio um dos templos arruinados de Poestum, a famosa cidade da Grande Grecia, doirada pelo sol de Napoles, e celebre pelas suas perfumadissimas rosas. Mas é debaixo do céu brumoso de Bruxellas que se eleva esta estranha imitação. Para ella ser completa contudo, devia pelos tectos desmornados cair a chuva e entrar francamente o sol. Recuou diante da perspectiva dos catarinhos e das enchaquecas o famoso pintor belga, que é um sujeito que vêem na estampa a passear no jardim com os tres cães que nunca o largaram, e com o seu chapéu hespanhol. As ruinas tem um telhado de vidro, o que, segundo o nosso proverbio, impedia Wiertz de certo de atirar pedras aos telhados dos visinhos.

Alli passou os ultimos annos da sua vida este eminente pintor, que legou o seu *atelier* ao Estado para o transformar em museu das suas grandes obras. Antes porém de ter esse destino, foi habitação tambem do famoso romancista belga Henri Conscience.

Rien n'est beau que le vrai

disse Boileau duzentos annos antes de Zola que imaginou que o tinha descoberto. Estas ruinas, que devem produzir um admiravel effeito nas campinas napolitanas, banhadas pela doce luz da lua, devem parecer ridiculas nas ruas de uma cidade moderna, illuminadas pelo gaz municipal, e rondadas pela policia. Tambem o desenhador teve o bom senso de nos mostrar as ruinas do lado do jardim.

DEPOIS DA TEMPESTADE. — Bramia durante horas o temporal, e da praia via-se ao longe no Oceano os navios a luctarem com as vagas. Seguiu-se com a ansiedade sua brava peleja por que nas embarcações empenhadas no combate estão os parentes, os irmãos, os amigos d'esses afflictos espectadores. Apenas a procella serena, apenas cessam as torrentes de chuva, correm á praia ainda ensopada os que até ali contemplavam de longe o horrido espectáculo. O Oceano agora está de uma inalteravel mansidão, as vagas espreguizam-se docemente na areia, e ao longe os navios fatigados encaminham-se para o porto. Já alguns dos anciosos espectadores reconheceram a branca vela do navio que conduz os seus. Acolhem-n'o com transportes de alegria, com gritos de enthusiasmo; ao lado porem outra familia, indifferente aos jubilos dos outros, ou sentindo ainda com isso o coração confranger-se-lhe mais, debalde procura tambem na amplidão do Oceano, ávidamente, com o oculo prescurador, ou com os olhos desarmados que as lagrimas já turvam, a embarcação que desejam, e que não é, que não é aquella cuja vaga sombra se distingue no horizonte!... E á noite quando voltarem para casa, com a esperança perdida, trémulos, afflictos, banhados em pranto, hão de sentir um verdadeiro horror ao escutar o cantico tremendo que então as vagas, por mais pacificas que estejam á noite nos rochedos, «Leves ondas do mar», dizia Victor Hugo

na esplendida poesia *Oceano nox* que Luiz Correia Caldeira tão admiravelmente traduzio:

Leveas ondas do mar, ondas temidas
Da terna mãe que espera por seu filho,
Que infinitas, que lugubres historias,
Não sabeis vós, ó caprichosas vagas,
São ellas que vos dão esses assentos
De agonia, de dôr, de desespero,
Que tendes, quando á noite, sobre as rochas
Vindes, uivando, espadanar com furia.

UMA MÃE ARGELINA.—O quadro é de Dubrun, e pode dizer-se encantador. Não garantimos a côr local, porque nos parece formosa e branca de mais para argelina essa joven mãe que balouça o berço do filho, enquanto prepara o jantar frugalissimo que apenas se compõe de alguns legumes. Confessemos tambem que nos não parece uma excellente *menagère* essa linda mulher que tem os olhos fitos no vaso, enquanto de um lado cuida do filho que chora, e do outro do jantar que ferve. Decididamente a rapariga previu que havia de ser contemplada no dia 3 de julho de 1881 pelos assignantes do *Jornal do domingo* e escolheu attitude que dêsse realce aos seus dotes physicos, mas o chefe de familia, algum arabe de cara tsnada e de branco albornoz, corre o seu perigo, quando voltar para casa, de encontrar o seu jantar tão queimado como o seu rosto.

RUINAS DO CASTELLO DE CRÉVECOEUR EM BOUVIGINES.—São pittorescas as ruínas, mas é mais formosa ainda a tradição que a ellas se liga. Aquelle castello desmantellado foi outr'ora uma formidavel fortaleza, levantada pelos habitantes de Bouvignes para se defenderem das aggressões dos seus eternos rivaes, os habitantes de Dinant. No seculo XVI nas guerras entre Henrique II de França e o imperador Carlos V invadiram as tropas francezas a Belgica e foram pôr cerco a Bouvignes. Defendeu-se energeticamente a cidade, teve emfim de abrir as suas portas. No castello de Crèveceur continuou porem a resistencia; commandavam alli tres valentes cavalleiros cujo nome se perdeu, casados com tres irmãs todas formosas, e amando todas seus maridos com uma dedicacão sem igual. Não quizeram nunca abandonar-os, quizeram partilhar os seus perigos, e, frageis e delicadas, não querendo rivalisar com as viragoes portuguezas que por esse tempo jogavam as cristas com os turcos nas muralhas de Diu, limitavam-se a cuidar dos feridos, a animar os soldados com a sua presença, a duplicar-lhes as forças com a ideia de que tinham de guardar não só o castello mas tambem aquella encantadora trindade.

Um dia os tres cavalleiros encontraram a morte n'um assalto mais bravo, e os francezes penetrando no castello, soltavam gritos de alegria, ao lembrarem-se de que iam pertencer-lhes pelas leis asperas da guerra n'esse tempo, as tres formosas viúvas; mas ellas, tomando uma resoluçãõ heroica, jurando que não seria profanada por violencias brutaes a sua dôr immaculada, vestiram-se de branco, como para renovarem no tumulo com seus maridos, que as tinham precedido, a sua festa nupcial, e, enlaçando-se n'um amplexo sublime, arrojaram-se á vista dos assaltantes do cimo das muralhas do castello.

Vive esta formosa tradição na memoria do povo, e confirma-a uma festa que ainda n'este se-

culo se celebrava no anniversario da morte das tres damas de Crèveceur, e um poeta belga pedia a immortalidade da epopêa para este rasgo sublime:

*Afin qu'on vienne un jour appendre à Crèveceur
Que, si l'homme faillait, la femme aurait du cœur.*

A SEMANA HISTORICA

3 DE JULHO DE 1828 — O EPISODIO DO BELFAST

Fôra outhorgada havia dois annos a Carta Constitucional portugueza, e D. Pedro IV, abdicando em sua filha, confiara a regencia á infanta D. Iza-bel Maria, regencia que transferiu depois para o infante D. Miguel, que ainda se conservava em Vienna de Austria para onde seu pai o exilára, e onde promettera casar com sua sobrinha a rainha de Portugal, e onde jurára cumprir e guardar a nova constituição do reino.

Chegando a Lisboa a 22 de fevereiro de 1828, D. Miguel dispoz-se logo para annullar a obra de seu irmão, e dissolvendo as câortes publicou no dia 3 de maio um decreto pelo qual convocava os antigos Tres Estados do reino.

Pela leitura d'esse documento não podia restar duvida sobre quaes eram as tenções do infante, e por isso a 16 de maio a guarnição do Porto, sublevando-se contra as medidas do governo, nomeou uma junta para dirigir os negocios em nome de D. Pedro IV, e segundo os preceitos da constituição outhorgada por esse principe.

As tropas do Porto marcharam para o Sul, mas não foram além de Condeixa, e, batidas pelas forças que de Lisboa haviam partido, retrogradaram para as margens do Vouga, começando desde logo a perder-se a esperanza do bom exilo, porque faltava um chefe decidido e intelligente que dêsse unidade e vigor ás operações militares.

Em quanto isto se passava, o marquez de Palmella, que era o nosso representante na côrte de Londres, tendo noticia da revolução do Porto, decidiu vir a essa cidade com outros portuguezes illustres que estavam tambem em Inglaterra, e, feitos os necessarios preparativos, embarcaram todos n'um vapor chamado *Belfast* e chegaram perto da barra do Douro no dia 26 de junho, exactamente na occasião em que os soldados liberaes retiravam de Coimbra.

O desembarque dos passageiros do *Belfast* causou grande entusiasmo na cidade; a junta foi augmentada com alguns dos recém-chegados, o marquez de Palmella recebeu o commando em chefe do exercito e por momentos julgaram os defensores da causa de D. Pedro IV que a sua victoria estava certa. Infelizmente, porém, a nomeação do marquez, devida a amabilidades e ciúmes e não aos dotes militares do illustre fidalgo, que dedicando-se á carreira diplomatica, nunca havia combatido, em breve mostrou aos portuenses que se haviam enganado, e que, se no dia 26 a situação era má, pouco tinham a esperar da chegada de tantos homens todos distinctos, todos liberees do coração, mas pouco unidos, entre os quaes lavrava a dissidencia que depois se tornou eclara e manifesta.

O exercito continuou a retirar, no dia 1 de julho, acampou em Santo Ovidio, já perto da cidade, e a junta, reunindo-se no dia immediato, depois de apreciar as circumstancias do exercito e as poucas probabilidades de triumpho, resolveu,

dissolver-se e que os seus membros embarcassem no *Belfast*, afim de n'elle seguirem para Inglaterra.

Ainda depois alguns defensores mais ousados da Carta instaram com o general Saldanha para que tomasse o commando do exercito, mas o futuro marechal, julgando que não podia contar com a obediencia das tropas, dirigiu-se igualmente para bordo do vapor aonde se lhe fôram junctar tambem alguns generaes e officiaes superiores.

No dia 3 de julho de 1828, levantava ferro o *Belfast* conduzindo para Inglaterra os mais distinctos e os mais conhecidos vultos do partido liberal portuguez, e ao mesmo tempo as tropas fieis á constituição, abandonadas pelos chefes e dirigidas pelo unico general que lhes restava, o brigadeiro Pizarro, encaminhavam-se tambem para paiz estrangeiro e marchavam para a Galliza.

Reunidos d'ahi a annos outra vez no Porto os chefes e os subordinados, foi então bem diverso o proceder de alguns dos passageiros do *Belfast*, e, se em 1828 fôram promptos em desanimar, n'essa segunda epoca, apesar das circumstancias difficeis e apertadas em que por vezes estiveram, conservavam viva fé no bom exito da causa que defendiam, e pelos seus relevantes serviços apagavam completamente a nodoa que sobre elles lançára a subita retirada do *Belfast*.

A. O.

SCIENCIA POPULARISADA

COMETAS

Cometa quer dizer *estrella cabelluda*. É sabido que os planetas giram em torno do sol, e que o caminho percorrido por elles no seu movimento chama-se *orbita*. Pois os cometas movem-se tambem em torno do sol, e distinguem-se dos planetas porque estes descrevem orbitas que pouco differem de circulos, e os cometas descrevem orbitas muito alongadas, ellypticas, isto é, percorrem linhas curvas do feito de um ovo. Designam-se ordinariamente pelos nomes dos homens que os descobriam, ou pelos annos em que appareceram: assim dizemos o cometa de Lexell, o cometa de Biale, etc.; o cometa de 431, o cometa de 1746, etc.

Em consequencia da forma das suas orbitas, podem avizinhar-se muito do sol e afastar-se para enormes distancias. Differem ainda dos planetas porque só se tornam visiveis quando estão muito proximos do sol. N'essa posição adquirem luz propria, resultante do grande aquecimento que experimentam, ao passo que a luz, que os planetas nos enviam, não é d'elles: é um reflexo da luz solar.

Os cometas apresentam o aspecto de uma parte central chamada *nucleo*, cercada de uma claridade frouxa denominada *cabellera*, que se prolonga formando um rasto luminoso, a que se dá o nome de *cauda*. A cauda pôde ser compridissima: — a do cometa de 1811 tinha mais de 80 milhões de kilometros; algumas vezes divide-se em varios feixes, outras vezes falta completamente. Todas as partes do cometa são de tal maneira transparentes, que o brilho das estrellas, observadas atravez d'elle, quasi não é alterado.

Julgou-se durante muito tempo que eram astros de marcha irregular, cuja vinda ás regiões solares era puramente accidental. Assim pensava

Aristoteles e todos os antigos, afóra Seneca, que falla dos cometas de um modo tão conforme com o que hoje se sabe, que parece ter adivinhado as modernas experiencias e observações. Kepler nada sabia da fórma das orbitas. Newton foi o primei-

o periodo durante o qual faz um giro completo é pois de 75 a 76 annos. Os cometas de 1531, 1666, 1456 etc., eram simples apparições anteriores. Depois foi determinada a periodicidade de outros, como o de Encke, cuja revolução dura tres annos e

outro que foi observado 43 annos antes da nossa era, e que os romanos julgaram ser uma metamorphose da alma de Cesar, morto, havia pouco tempo ás mãos de Bruto, Cassio, etc.; dois que se manifestaram no anno de 1402. É fóra de duvi-



DEPOIS DA TEMPESTADE

ro que comprehendeu a sua verdadeira natureza, cabendo a Halley a immensa glória de resolver a questão. Em vista dos seus calculos annunciou para os principios do anno de 1758 a volta do cometa de 1682. Na epocha marcada appareceu effectivamente o cometa, e reapareceu em 1835;

meio; o de Biela que descreve a sua orbita em sete annos approximadamente, o de Faye que a descreve tambem em sete annos.

Ha cometas visiveis durante o dia. São raros; mas passam por authenticos: um, que diz Seneca ter apparecido 146 annos antes de Christo;

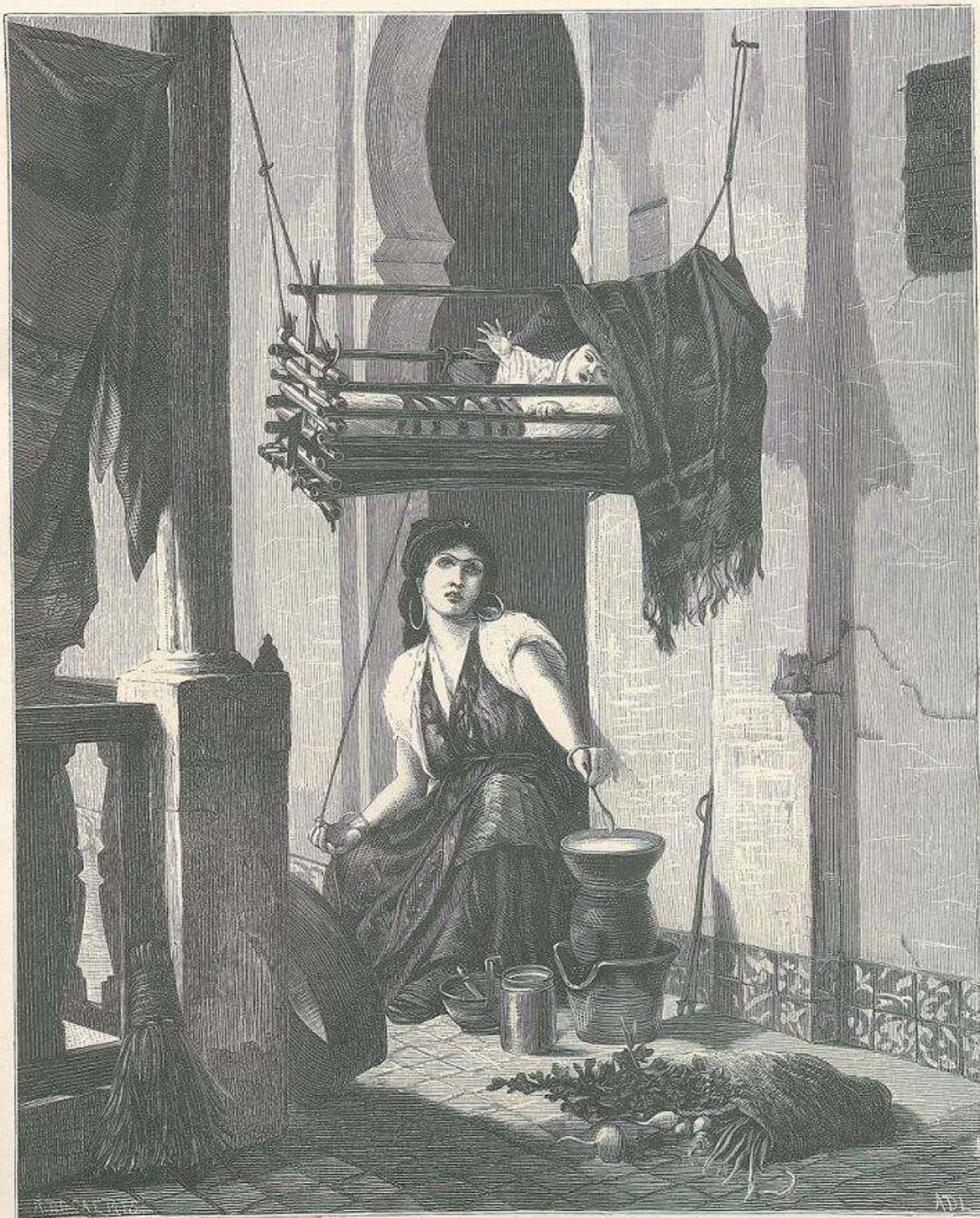
da que em 1744 foi observado durante o dia um cometa brillantissimo e outro em 1843.

Até á hora em que escrevemos, não nos consta que tenha historia conhecida o cometa que actualmente se observa em Lisboa. Tenha ou não tenha, ha-de ser inoffensivo como os seus numero-

«sos companheiros. À semelhança das nuvens atmosféricas cuja grandeza, forma e coloração variam ao sabor do vento, e segundo disposição fortuita dos raios solares, as aglomerações de vapores, que constituem os cometas, revestem todas as formas sob o impulso de forças mais ou menos

«astros cabelludos que vinham subitamente fulgurar no céu, eram reputados como precursores da colera divina. Se as hypothèses dos philosophos causam riso por incertas, contradictorias, mal equilibradas como os passos de uma creança, as que eram inspiradas pelo espirito religioso

«astros enviados por Jupiter como presagios ás expedições maritimas e aos grandes exercitos de terra. «Quando em 837 foi visto pela primeira vez o cometa de Halley, o rei de França entregou-se com toda a sua corte ao jejum e orações, construiu egrejas, fundou mosteiros, e, morrendo tres



UMA MÃE ARGELINA

intensas. São tão leves, que se podem trazer ás costas sem o menor incommodo, cometas cujas caudas medem muitos milhões de leguas.

Já lá vão os tempos em que o apparecimento de um cometa preocupava as multidões, inquietava-as, enchia-as de pavor e susto, porque esses

são podem ser comparadas aos passos desordenados de um ebrio: conduzem a razão a choques violentos que a magoam, ao abatimento, ao sono, a uma catalepsia mortal.

Homero, certamente n'alguma das occasiões em que dormitava, disse que os cometas eram

annos depois, os historiadores aproveitaram a coincidência para verem na apparição do cometa um annuncio da morte do rei.»

É curiosa a historia do cometa de Halley. Em 1066 mostrou-se novamente quando os normandos invadiam a Inglaterra; e os chronistas afir-

maram que o astro fôra enviado para servir de guia aos invasores. Ainda existe um trabalho de tapeçaria, attribuido á rainha Mathilde, em que estão figurados o rei de Inglaterra e alguns dos seus subditos com os olhos voltados e os braços estendidos para a estrella fatal, que lhes prognosticava o desastre de Hastings.

Em 1436 os musulmanos sitiavam Belgrado, defendida pelos húngaros. Torna a apparecer o nosso cometa, incute grande terror aos dois exercitos, e o papa Calisto, tomado de igual susto, manda celebrar rezas publicas, em que simultaneamente se pedia misericordia contra o cometa e contra os turcos; e, para que ninguém se esquecesse de recitar aquella especie de *Angelus* ordena que os sinos toquem ao meio dia, como ainda hoje se faz nas egrejas catholicas. Outro costume, tambem muito espalhado, deve a sua origem ao cometa de 390. A humanidade foi n'esse anno devastada por uma grande peste e quando o flagello estava no seu maior auge, um espirito era quasi sempre seguido de morte. D'ahi proveiu o *Dominus tecum* com que é saudado qualquer nariz offendido por uma constipação ou por uma pitada de simonte.

O imperador Carlos V viu no cometa de 1456 um aviso celeste de que brevemente lhe chegaria a hora de morrer. Uma tal observação deve ser desculpada pela imperfeição dos conhecimentos astronomicos da epocha, pelos prejuizos de que todos se achavam possuidos, pela pouca attenção que o soberano de tantos reinos podia dedicar á sciencia no meio das agitações do seu viver; mas custa a crer que Bacon, um homem, que assombrou o mundo por seu genio e por seu character, professasse tão erroneas idéas sobre os cometas.

Um medico inglez M. Forster affirma que esses astros só se manifestam em periodos insalubres. Os frios e calores rigorosos, as tempestades, tremores de terra, erupções vulcanicas, neves abundantes, chuvas copiosas, inundações, secas, fomes, nuvens de gafanhotos, epizootias, etc., tudo é registado por M. Forster coincidindo com a appareição de cada cometa, seja qual fôr o continente, ilha, reino, cidade ou aldeia victima do flagello. Francamente, quando um escriptor junta á observação de um cometa (o de 1668 por exemplo) a nota de que n'esse anno adoeceram todos os gatos de Westphalia; á data de um segundo cometa (o de 1746) a circumstancia — pouco analogica — forçoso confessar — de que um tremor de terra destruiu Lima e Callao, etc., esse escriptor deseja apenas ostentar a sua erudição; e se, registando assim os acontecimentos contemporaneos, pretendesse ter estabelecido novas relações, não se enganaria menos do que a mulher de que falla Baye, que não chegando á janella sem ver passar alguma carroça, concluiu que era ella a causa de que passassem carroças.

Hoje, graças aos processos scientificos, nenhum terror infundem os cometas. São astros que pertencem ao systema solar, e estão submettidos ao astro rei. A sua marcha é regida pela gravitação universal, como o movimento dos planetas e dos modestos satellites.

O character original dos cometas reside sobretudo na immensa duração das suas viagens pelas regiões celestes, n'esse destino de astros cosmopolitas que os torna uma excepção no meio do systema planetario.

HORAS DE OCIO

EMBRULHADA CRYPTOGRAPHICA

Achar um proverbio conhecido apanhando as letras que vão dentro d'este quadrado:

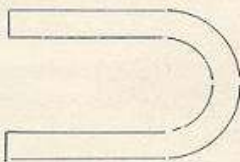


FANTASIA ARITHMETICA

Á sahida de um baile, perguntaram a um sujeito que horas seriam; respondeu o homem, que ia com pressa, mas que tinha geito para espinge mesmo quando envergava o *par-dessus* que passava da meia-noite $\frac{1}{2}$ do que faltava para o meio-dia. Que horas eram?

PROBLEMA GEOMETRICO

Dividir a figura seguinte em seis partes só com dois traços de penna:



LEXICOLOGIA

Dadas as seguintes palavras:

Esta, Rosa, Ouro, Ora, Brigar, Ia, Missão, Alma, Ira, Ris, Arão, Irado, Aio, Mar, Ardo, Leito, Ala, Uso, Ar, Ria, Ama.

- 1.º Completar essas palavras com uma letra inicial de modo que formem palavras diferentes;
- 2.º Com essas iniciais que se acrescentarem formar um proverbio conhecido.

PROBLEMA GEOGRAPHICO-GRAMMATICAL

Qual é a villa portugueza que é ao mesmo tempo segunda pessoa de um verbo?

(Um official inferior de caçadores 1).

PERGUNTAS PHILOLOGICAS

Um dos nossos assignantes de Maccira-Dão deseja saber a origem das seguintes locuções:

Cos dinhos de Castella
Vio-se na rua dos ataqueiros
Aqui torce a perca o rabo

Se algum dos nossos assignantes souber satisfazer a curiosidade d'este perguntador de Maccira-Dão, queira mandal-o dizer.

Solução dos problemas do n.º 18

Problema geographico-historico. — Vasco da Gama.

Pergunta indiscreta. — Leiria (porque l i r i a).

Enigma. — O mex de maio (porque é o que tem menos letras).

Anagramma. — Tosão, solão.

Pergunta historica (n.º 17). — Recebemos finalmente uma resposta á nossa pergunta a respeito do coronel Hodges. É uma carta de Eurico:

Sr. redactor.

Não fui nada infeliz na minha pergunta. Duas respostas, nem mais, nem menos, e uma então de Hermengarda. Bem te

percebo, queres namoro outra vez. Estás servida; desde que te vi na escultura do sr. Rato, fiquei de candeias ás vellas. Estou outro, Hermengarda. Voltei para o presbyterio, e vendo agua de Lourdes aos visinhos. Tenho ama, que é outra casta de mulher. Se te mettes comigo, Hermengarda, levo-te ao dr. Craveiro. Em todo o caso obrigado pela resposta.

E agora, sr. redactor, deixo-me dizer-lhe uma coisa. As promptas respostas que eu recebi constituíram-me tambem na obrigação de responder a alguma pergunta, para que me não tenham na conta de um massador que só quer dar trabalho aos outros. Tratei de saber o que fôra feito do coronel Hodges. Fui me ao Larousse, com um sorriso triumphante. *Le tra H. Folkei*, tornei a folhear. A respeito de Hodges, trez vezes nada coisa nenhuma. Fiquei com um nariz de palmo e meio. Esta só pelos diabos! E eu que imaginava um triumpho (tão facil! Fui ao Dezobry onde já encontrara uma vez o Mendizabal que não vem no Larousse. Nada. Com mil diabos! Desanimei, mandei ao diabo o coronel Hodges, que tantas maravilhas fez com o seu 18 de infantaria no cerco do Porto, e, de barriga para o ar, em cima da cama, á fresca, fui ler um livro de Saint-René-Taillandier, que comprei ha tempos, e que se intitula *La Serbie au XIX siècle*. Livro interessante e que lhe recomendo.

De repente dou um pulo, salto para o meio do chão, quasi no trajo de Archimedes, e exclamo: *Eureka*. O meu sacristão, perdão, o meu ostiario, que entrava n'esse momento, imagina que lhe estou a fallar latim, e diz-me logo, como era do seu dever: *Et cum spiritu tuo*. E, dito isto, fugio, porque era meio-dia, e eu não estava em trajo decente de receber um sacristão... que não é grego.

Mas sabe o que eu tinha encontrado? Nem mais nem menos que o seguinte periodo:

«Le consul anglais accrédité auprès de Milosch était le colonel George Hodges, qui s'était distingué en Portugal à la tête de la légion anglaise au service de dom Pedro.»

O sr. redactor, olhe que estas coisas não succedem duas vezes na vida. Quando eu tinha mandado para o diabo o coronel Hodges, desaba-me o homem das nuvens, da Servia. Ha muito tempo que não tenho uma alegria tamanha, e queira desculpar a frivolidade da confissão.

Pois ahí tem a resposta. O coronel Hodges, depois de se retirar de Portugal, foi logo em 1833 nomeado consul inglez na Servia. Teve alli que lutar com a influencia russa, mas conseguiu captar a confiança de Milosch, a ponto de exercer na Servia um verdadeiro dominio. Lord Palmerston nomeou-o por isso consul-geral. Não pôde contudo impedir a queda de Milosch. Em 1839 Milosch abdicou, dirigindo ao coronel Hodges as mais sentidas despedidas. Depois perco outra vez de vista o intrepido coronel; mas ahí tem já um fio conductor, e, se esta informação lhe servir de alguma coisa, muito satisfeito ficará o seu servidor.

Presbyterio de Carleia, 27 de junho de 1881.

EURICO.

Obrigado, presbytero!

Soluções certas

Problema geographico-historico. — José Barbosa Leal (Porto), Um official inferior de caçadores 4 (Tavira), Coelho-Pato (Porto), Antonio G. de Oliveira Santos (Lisboa), F. de Freitas (Lisboa), Manuel Antonio Coelho Zeilhão (Lisboa), Gandarez (Cantanhede), Desiderio Pacheco (Evora), Dominó branco (Setúbal).

Pergunta indiscreta. — Um official inferior de caçadores 4 (Tavira), F. de Freitas (Lisboa), Manuel Antonio Coelho Zeilhão (Lisboa), Dominó branco (Setúbal), Geai (Coimbra).

Enigma. — Raul, Abeto, Manuel Antonio Coelho Zeilhão (Lisboa), Dominó branco (Setúbal), Geai (Coimbra).

Anagramma. — Um official inferior de caçadores 4 (Tavira), Abeto, F. de Freitas (Lisboa), Dominó branco (Setúbal).

Do Dominó branco de Setúbal recebemos uma solução certa das *Palavras quodranas* do n.º 17, mas que já chegou tarde.

O mesmo succedeu com o sr. J. G. Calrita (Tavira), que nos enviou tambem certa a solução do problema geometrico, mas já fora de tempo.

Para evitar estes factos, pedimos aos nossos assignantes, que nos quizerem enviar a resolução dos problemas que apresentamos, o favor de as remettorem, o mais tardar, até á quinta-feira da semana immediata áquella em que apparece o

jornal, quer dizer as soluções dos problemas publicados hoje, 3 de julho, devem estar em nosso poder no dia 14 de julho, de outra forma não as poderemos publicar.

As respostas ás perguntas historicas, etymologicas, etc., essas não tem prazo fixo, nem podiam tel-o. Contentissimos ficaremos se a todas as perguntas vierem respostas, ainda que seja um anno depois.

Compro-nos dizer tambem, que por erro da imprensa, quando demos conta da solução do problema arithmetico apresentada por uma criança de 12 annos, se disse «não veio certa» por «os veio certa» que era o que tinhamos escripto.

SOBREMEZA

—Que me dizes tu Adelina! Pois a Julia realmente fez isso?

—E ainda te vou contar o resto, que é peor...

*

PENSAMENTOS E DEFINIÇÕES

As francezas tem o olhar mais bonito do que os olhos, o sorriso mais gracioso do que a boca, o gesto mais elegante do que a mão.

*

Uma taboleta:

Percira dentista extrahia raizes com perfeição e dentes.

*

—Que brinquedos foram esses, Tonico? Quem o feriu na testa?

—Fui eu papá, que me morde sem querer.

—Trapaceiro! Pode lá ser...

—Sim senhor, subi acima de uma cadeira.

*

—A testemunha sabe dizer como começou a desordem?

—Foi assim, senhor juiz: o réo gritava: sucia de imbecis, canalhas...

—Advirto a testemunha que deve dirigir-se aos srs. jurados.

*

—Isto do telegrapho parece coisa do diabo!

—Você é de bom tempo.

—Ó seu Antonio, pois então...

—Pois então nada mais facil: toca-se n'uma extremidade, e logo na outra apparece escripto o que a gente quer...

—Ora pois é isso que me faz confusão; é isso mesmo. Como demonio...

—Olhe, sr. Francisco, não tem que penetrar. Aquillo é como um gato; a gente aperta-o atrás, na cauda, e elle mia adiante, co'a bocca.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 152)

Yegor, prevendo que teria de passar não longe de Nijni-Kolinsk — a ultima e a mais septentrional das cidades russas — e que seria mais de uma vez obrigado a mostrar o passaporte falso, que dera a si mesmo n'uma folha de papel selado com as armas imperiaes, como é de lei que seja todo «plakatny» verdadeiro, passou-o em nome dos filhos do esau, declarando que iam acompanhados por um primo do mesmo nome. Falta, é certo, achar um motivo plausivel para essa viagem precipitada, emprehendida no começo do inverno: Yegor descobrira depois a explicação. Conversava muitas vezes a esse respeito com

o sr. Lafleur e Nadege sem chegarem nunca a uma conclusão.

O profundo isolamento em que os fugitivos se encontravam no meio da floresta, a obrigação de se esconderem para se não trahirem, levou-os a buscar meio de proverem ás necessidades que experimentavam. Imaginaram caçar sem o emprego de pólvora, e pescar sem se mostrarem nas margens da torrente em que se lhes podia deparar algum encontro desagradavel.

Yegor tinha notado rastros de cabras selvagens junto do charco, em que o sr. Lafleur deixara os sapatinhos em refens. Occorreu-lhe a idea de armar um laço aos animaes. Poz em pratica essa idea e assim teve o leite de uma cabra para Nadege e Ladislau, e os cabritinhos, que acudindo ao chamamento da mãe se conservavam junto do prisioneiro, serviam de divertimento á rapariga e ao irmão adoptivo.

Em outra parte da floresta, dispoz um alcapão enorme destinado a apanhar ursos á maneira dos kamstschadaes. Estes suspendem uma armadilha no ar, com um pedaço de carne de qualquer animal para servir de engodo. Apenas o urso fareja a carne crua, avança cheio de soffreguidão: porém logo que chega a tocar no supporte da armadilha, cae-lhe esta no pescoço, e pune-lhe a voracidade esmigalhando-lhe a cabeça.

Logo no dia seguinte Yegor apanhou um urso pardo de respeitaveis dimensões. A pelle do animal augmentou a provisão de mantas e abafos.

O sr. Lafleur encarregou-se de preparar a carne para servir de alimento, e declarou que em sua opinião nada era mais sabroso do que os beefsteaks de urso — mal passados.

Um carneiro bravo morto por Yegor tornou mais abundante a dispensa; Ladislau encarregou-se de abastecer a casa de peixes e aves, e cortou algumas crinas aos cavallos para fazer laços. Tinha laços de molas, sem molas, de armar no chão, de armar no ar, de todas as especies e feitios. O sr. Lafleur applicava a sua aptidão culinaria preparando as perdizes, os galos, os estorninhos, que se deixavam cahir nos laços de Ladislau. Nadege fez com as perdizes um pastel, cuja massa foi arranjada com uma farinha de peixe secco e reduzido a pó misturado com uma pouca de farinha de centeio.

O pequeno polaco tinha tambem fabricado uns covos de vime, que punha debaixo da agua com o auxilio de pedras; os peixes entravam n'as não podiam sair. Era quasi sempre peixe miudo; uma vez, porém, cahiu um soberbo *ikarusse* (*salmo thymallus*, dizia o sr. Lafleur, quando o apanhava).

E em quanto Nadege se occupava em fazer a roupa de inverno, forrando-a de pelles de marta e de zibelina — são dois animaes diferentes — apanhados tambem por Yegor em armadilhas proprias para esse fim, o sr. Lafleur imaginava outros expedientes. Vendo que as aves se tornavam cada vez mais desconfiadas e cahiam menos nos laços armados por Ladislau, lembrou-se de outra cousa: «Perdi os meus sapatos, disse elle, já não preciso das galochas de caoutchouc» derreteu-as ao fogo com resina, e obteve excellente grude. Collocava nas arvores pequenas varas untadas com aquella mistura, e todas as pobres emberizas e outros passaros cantadoes, que vinham pousar innocentemente sobre ellas, ficavam presas, começavam a piar, e o sr. Lafleur corria logo, e mettia-os nas suas grandes algi-

beiras. A principio era Ladislau o encarregado de ir buscar as pobres victimas; porém o sr. Lafleur veio a perceber que o rapaz — a quem eram muito sympathicos os musicos alados — soltava mais do que trazia.

Um dia voltou Lafleur com uma cara radiosa. Teria apanhado mais passaros do que era costume? Sorria com ar malicioso, piscando os olhos, com uma das mãos nas costas; dir-se-hia que trazia alguma cousa.

— Anda cá, Ladislau! gritava elle.

Quando o rapaz chegou, offereceu-lhe uma flauta feita de canna.

— Agora, disse-lhe elle, assopra, collocando dois dedos em cima d'estes buracos.

O rapaz encheu as bochechas, assoprou, e do instrumento sahiram sons claros, suaves, como de uma flauta encantada.

Ladislau passava muitas horas do dia a aprender a tocar, e, quando chegava a noute, o sr. Lafleur tirava a rebecka da algibeira para acompanhar as arias improvisadas pelo discipulo.

Não parece que em toda a rapariga existe uma fada? A choupana de Nadege tornava-se cada dia mais formosa, graças aos seus cuidados, ao seu bom gosto, ao seu amor á ordem e ao acao. Aquelle humilde abrigo de folhas transformara ella n'uma cousa encantadora, em delicado ninho estofado de musgo e perfumado de flores. Á entrada, em guisa de reposteiro, fluctuava um grande manto de hera arrancado por Ladislau a um dos veteranos da floresta; serviam-lhe de cama fartas pelles desenroladas no chão sobre folhas secas. Das raizes de uma arvore abatida pelo vento construiu Yegor uma meza e uma cadeira rustica para a sua noiva.

Sobre essa meza, entre duas taboas, estava tudo o que a rapariga tinha de mais precioso: os ultimos poemas de seu pae, escriptos em dias de provação e de luto, e que ella resolvera publicar, se algum dia pizasse terra de liberdade! Em cima, a imagem sagrada, constantemente levada por Nadege para toda a parte no exilio, destacava-se sobre o seu fundo de ouro byzantino, suspensa por grinaldas de musgo.

Contudo o honrado Lafleur soffria menos por ter perdido os sapatos, do que por estar privado de rapé. Julgando voltar a Yakutsk no fim de alguns dias, nem pensara em semelhante cousa. O seu nariz, de respeitavel tamanho, enterrado no meio de uma cara de pergaminho, tornara-se melancholico, e definhava a olhos vistos. O rapé era tão necessario para aquelle nariz de grandes ventas, que pareciam dois dedaes, como o orvalho para as plantas, como o estrume para os campos. Lafleur tirava constantemente da algibeira do colete a sua caixa de prata, e abrindo-a com ar contristado, abanava a cabeça, esfregava o nariz, e tornava a metter a caixa na algibeira, emitindo um profundo suspiro.

Lafleur, que se dizia incapaz de ter ideias quando não tomava a sua pitada, teve contudo uma. — O tabaco, disse elle, foi transplantado da America para a Europa. Se eu procurasse uma planta analoga? Em muitos paizes substitue-se vantajosamente o pão pela batata e até por casca de arvores. Principion a procurar, e, como quem porfia mata caça, recordou-se da folha de uma planta — o tymiano — de que os indigenas se servem á maneira de tabaco. Ora essa planta, encontrava elle em abundancia nas suas idas e vindas.

(Continua.)

CORRESPONDENCIA

Raul — Acertou no enigma, como verá no lugar competente, mas no problema geographico-historico enganou-se. O heroe não era Luiz de Camões, era Vasco da Gama. Permita-nos tambem que lhe digamos uma coisa: De Vizeu tem saído coisas excellentes, desde o partido reformista até a eximiu actriz Josepha de Oliveira. Um L. é que nunca se conseguiu arrancar de semelhante terra. Tem V. Ex.^a a primazia.

montanha, mas eu nicles. Non publicabo versalhadam tuam. Está uma senhora a uma janella, ao pé uma criança a descascar uma romã, com manifesto perigo de ficar com os dedos negros, na sacada um cão a dormir. Passa gente na rua, o cão acorda, depois adormece outra vez, e Marcello gasta quatro ou cinco quadras a descrever esta funcanata. E perde este seu triatlo uns segundos a ser informado d'este caso estranho de estar uma senhora a janella e de estar um cão a dormir! E sabe quaes são no nosso entender as suas culpas,

EXPEDIENTE

Aos srs. assignantes da provincia, que recebem o JORNAL DO DOMINGO directamente do escriptorio da empresa, rogamos o favor de satisfazerem a importancia das suas assignaturas, até ao dia 7 de julho corrente impreterivelmente; do contrario ser-lhes-ha suspensa a remessa d'esta publicação.



RUINAS DO CASTELLO DE CRÉVECOEUR, EM BOUVIGINES

Coeiho-Pato — Com que então o Grégoire diz que Vasco da Gama não é heroe do século XVI? E o Grégoire não lhe diz tambem de que seculo será heroe Napoleão? Querem ver que tambem não é do seculo XIX? Ora benza-os Deus ao Coeioho, ao Pato e ao Grégoire.

J. A. M. (Colmbra) — Reservamos o seu artigo para quando houver gravura a que seja applicavel.

Marcello — Não nos seduzes, sorciza, não nos seduzes, Satanaz-Zela, Satanaz naturalista. Levaste-me ao cimo da

Marcello? São as de se occupar com estas frivolas semsaborias, quando podia fazer, parece-nos, coisa mais seria e mais importante.

Abeto — Não senhor, a cidade não era Portalegre. As suas observações são logicas, mas fallham só n'um ponto. O que diz é applicavel ao passado e ao presente. Ora nós tínhamos escripto um d'antes que deita por teren os seus raciocinios. O resto adivinhou, como verá. O problema geographico-historico effectivamente não era difficil. Ainda assim houve quem se enganasse.

Rogamos a todos os srs. assignantes, que mudarem de residencia, o obsequio de indicarem aos distribuidores as suas novas moradas.

A ADMINISTRAÇÃO

Lisboa — Typ. de Christovão Augusto Rodrigues
Rua do Norte, 145, 1.^o